

MAGIS

Cadernos de Fé e Cultura

PERSONALIDADES CATÓLICAS

Centro Loyola de Fé e Cultura
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-Rio
Número 34 -2000

DOM HÉLDER CÂMARA: O HOMEM QUE EU CONHECI

**Conferência realizada no
Centro Loyola de Fé e Cultura,
em 06/10/1999**

Maria Clara Bingemer:

Inaugurado em março de 94, o Centro Loyola pertence à PUC-Rio, e tem como objetivo a formação do laicato, através do diálogo entre a fé e a cultura. Já temos cinco anos de vida, que não é muito, mas já é alguma coisa em termos de história. Alguns dos que estão aqui participaram das nossas comemorações de cinco anos. Então, muito bem-vindos todos vocês que vieram aqui para estar conosco esta noite em que vamos fazer memória e recordar uma pessoa que tem sido um marco na história do nosso país e da história Igreja - D. Hélder Câmara. É uma grande alegria pra nós, uma grande honra para o Centro Loyola poder estar organizando esta noite e,

estamos, também, muito felizes com a presença da irmã de D. Hélder que se encontra aqui presente.

Então, eu gostaria só de dar a sequência de como vai ser a noite; depois, gostaria de chamar os componentes da mesa para darmos início ao nosso evento que vai constar de duas colocações, uma do Pe. Fernando Bastos D'Ávila e, outra, da professora Margarida Souza Neves, do Departamento de História da PUC-Rio. Também vamos ouvir textos de D. Hélder declamados pelos Contadores de História, da PUC-Rio.

A leitura dos textos será intercalada com as duas falar e a ordem será a seguinte: abrindo, Mariana Dias e Fernanda Mota vão ler alguns pequenos contos de D. Hélder publicados no livro "Um Olhar Sobre a Cidade". Depois, falará o Pe. Ávila, e, em seguida, ouviremos Marília Amaral, que lerá uma coletânea de poemas sobre Nossa Senhora escritos por D. Hélder, editados no livro "Nossa Senhora do Meu Caminho". Após, a professora Margarida Souza Neves fará sua colocação e, no final, as leitoras do grupo Contadores de História apresentarão uma coletânea de frases extraídas dos escritos de D. Hélder.

Pareceu-nos que essa seria uma maneira feliz e viva de tê-lo aqui conosco participando também desse evento em que gostaríamos de, realmente, fazer uma memória viva e dinâmica da sua presença tão cara a todos nós. Então, convidaria o Pe. Ávila e a professora Margarida a se aproximarem da mesa. As leitoras do grupo Contadores de História já estão situadas no

auditório e iremos ouvi-las, em breve.

Pe. Fernando Bastos D'Ávila, sj

Meus caros irmãos e irmãs, eu fui convidado para dizer umas palavras sobre o título "D. Hélder, o homem que eu conheci". O meu primeiro contato com D. Hélder foi no início em 1954, quando eu voltava de alguns cursos no exterior e ele era bispo auxiliar do Rio de Janeiro. Atendendo a um apelo da Santa Sé, D. Jaime Barros Câmara - então Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro - abriu, aqui, uma agência para receber refugiados de guerra e tinha pedido a D. Hélder para assumir esse programa, do qual, obviamente, ele, como pastor da diocese, não podia se ocupar.

D. Hélder havia sido um dos professores fundadores da PUC-Rio. Sabendo que eu havia chegado chamou-me ao Palácio São Joaquim e incumbiu-me de assumir aquele trabalho com os imigrantes, garantindo-me a colaboração e os meios necessários. Isso aconteceu porque eu tinha apresentado a minha tese de doutorado exatamente sobre o problema migratório, e ele, sabendo disso, confiou-me esse trabalho. Foi, assim - com a participação de dona Maria da Glória, enfermeira, aqui presente -, criada a comissão Nacional Católica de Migração. Tempos depois, este movimento foi se expandindo, com sedes no Rio, em São Paulo, em Curitiba, em Porto Alegre e, aí, nesse trabalho de vários anos, nós recebemos alguns milhares de migrantes.

Nós funcionávamos no próprio Palácio São Joaquim. Como curiosidade histórica, aquele palácio era onde funcionava, na primeira República, o Ministério das Relações Exteriores. Mas, o Barão do Rio Branco - que era o Ministro das Relações Exteriores - com certas artimanhas capciosas, conseguiu da Santa Sé que o primeiro bispo da América Latina fosse brasileiro. Ele tinha muita habilidade diplomática, e, assim, o primeiro bispo da América Latina foi D. Joaquim Arcoverde Albuquerque Cavalcanti, que era de Pernambuco, mas estava como arcebispo do Rio de Janeiro. Nomeado por Pio - hoje São Pio X - o primeiro bispo da América Latina, em 1905, ficou morando naquele palácio. Em função disso, o Barão do Rio Branco cedeu aquele palácio e foi instalar o Ministério das Relações Exteriores no Itamarati; como D. Arcoverde chamava-se Joaquim, ele deu o nome de Palácio São Joaquim ao palácio, em homenagem ao Arcebispo.

A comissão trabalhou ali durante muito tempo com os imigrantes, depois, por problemas internos, fomos para na Vila Venturosa, que era uma vila que existia no Largo da Glória e, ali, continuamos o nosso trabalho. Quando a Conferência Nacional dos Bispos se transferiu para Brasília, acabou o trabalho e, assim, milhares de fichas de imigrantes se perderam na viagem.

Da minha convivência com D. Hélder colhi três impressões indeléveis, que me proponho agora explicitar, na medida em que a emoção me permitir. Sem maiores comparações históricas eu considero D. Hélder a mais insigne figura do episcopado

brasileiro. Em primeiro lugar, pela lucidez - eu diria mesmo a perspicácia - e pela sua intuição pastoral. Ele tinha uma espécie de empatia pela qual captava as mais sutis vibrações do corpo eclesial e que acionava sua surpreendente criatividade. Basta uma breve referência às suas inúmeras iniciativas pastorais ainda como bispo e, depois, como arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro.

A primeira, logo em 1955, foi a organização daquele 36º Congresso Eucarístico Internacional no Aterro do Flamengo, que resultou numa gigantesca mobilização de fiéis movidos, unicamente, pela fé eucarística. Por uma questão de lealdade ou de liberdade histórica a propósito desse Congresso Eucarístico, eu lembro dois episódios.

Um ilustre jesuíta escreveu uma carta, a propósito do Congresso Eucarístico, ao Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, na qual, reconhecendo todas as extraordinárias virtudes de D. Hélder, alertava o Cardeal sobre a incapacidade de seu bispo auxiliar para organizar um Congresso Eucarístico Internacional - evento da maior importância e da maior complexidade - e, modestamente, oferecia-se para assumir esta responsabilidade. Acontece que, D. Jaime, na sua simplicidade de pastor, na sua bondade de pastor, passou esta carta a D. Hélder, e, ele, sem nenhum ressentimento, mostrou-me esta carta. Eu li esta carta assinada pelo padre da Companhia de Jesus, à qual eu pertenço.

Um outro jesuíta - que era um músico de muita vivacidade e tudo mais, e que também era superior da casa de retiros da Gávea - propôs, também ao Cardeal, compor um hino vibrante

para o Congresso Eucarístico e não aquele "hinozinho pífilo". O hino deveria ter uma letra épica e não aquele lirismo ingênuo daquele hino do Congresso Eucarístico. D. Jaime agradeceu. Eu acho que muitos dos presentes aqui, que estiveram naquele Congresso, até hoje devem sentir aquela emoção: "do céu desceram as chuvas, a gota entrou no chão, a vinha deu a uva, a espiga deu o pão" - aquela música então gigantesca - "o homem com carinho curvou a rude mão, da uva fez o vinho e do trigo fez o pão". Cantado por aquela multidão, foi uma demonstração gigantesca de fé - admirável fé -. Este foi o hino que aquela multidão cantava e daquele Congresso que D. Hélder - tão "ineficiente" - acabava de organizar.

Foi nesta mesma ocasião, que, logo no ano seguinte, em 1956, iria começar uma das obras mais importantes de sua vida, a Cruzada São Sebastião. Pelo que consta de um grande amigo dele, foi o Cardeal Jean Louis - que estava no Congresso e que viu a gravidade dos problemas das favelas - que sugeriu: "Agora, Hélder, você aproveita todo esse dinamismo que você levantou na fé, no amor pelo Congresso Eucarístico, fazendo um grande movimento em favor dessas populações". D. Hélder pegou a idéia, viu a sua grandeza e começou esta obra da Cruzada São Sebastião.

Aqui, talvez, alguns dos presentes se lembrem ainda. Começou com aquela coisa modesta, ali, na Praia do Pinto. Começou, ali, a obra dele, essa obra da maior importância, da maior beleza que ele tinha, e para manter essa obra ele via o quê? Os blocos.

Quando construíram aqueles primeiros blocos as pessoas pobres, então, tiravam as torneiras e vendiam para poder comprar pão; tiravam os canos e tudo mais. Então, ele resolveu, para poder manter aquela situação, criar o Banco da Providência - outra obra que até hoje é da maior importância -, e que é o que mantém, ainda hoje, as obras sociais da nossa Arquidiocese. Esse Banco da Providência, ele mobilizou com aquela sua frase: "ninguém é tão pobre que não tenha o que oferecer e ninguém é tão rico que não precise de ajuda". O Banco da Providência é, até hoje, esta obra admirável.

Em dimensões nacionais, ele organiza, também em 1952, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, da qual ele seria secretário até 1964, quando é feito Arcebispo de Olinda e Recife. Tenho feito algumas modestas andanças por diversos países católicos do nosso hemisfério e não conheço conferência episcopal no mundo tão estruturada, tão atuante, quanto a CNBB. D. Hélder nunca deixava de participar das Assembléias Gerais. Mas, em 21 anos, durante os quais eu fui assessor da CNBB, nunca vi D. Hélder se pronunciar em plenário. Ele era extremamente discreto. A gente sabia do peso da opinião dele e, se ele falasse, sua opinião iria pesar nas decisões. Eu, durante 21 anos, nunca o vi tomar a palavra em plenário. Discretamente, ele agia por contatos. Ele fazia as coisas acontecerem sem fazer barulho.

O Le Monde, de 20 de agosto, publicou um longo artigo sobre D. Hélder no qual diz que, também no Concílio Vaticano II, ele

jamais tomava a palavra em público, mas atuava. E foi o que decidiu, ali, nessas conversas de bastidores, a fundação da Conferência.

Essa iniciativa de D. Hélder teve uma enorme importância - importância decisiva - e continua a ter na história da Igreja do Brasil. A CNBB, em momentos decisivos da história do Brasil - estou me referindo especialmente ao período da chamada Revolução -, com suas linhas de ação, atuando nos vários setores decisivos de pastoral, foi, realmente, a grande força que elevou os ideais da presença da Igreja, no mundo e na cultura brasileira. Eu tive a alegria de colaborar com ele na CNBB durante 21 anos nas diversas linhas. Eu era responsável pela alínea 21, pela linha 6, que era a linha da ação social. E, foi nessa linha, de acordo com a CNBB, que se criou o chamado Instituto de Desenvolvimento Brasileiro -IBRADES. Então, ali, nós colaboramos, levando adiante os ideais da CNBB, e eu inclusive - talvez com tão imprudente entusiasmo - fui parar na Barão de Mesquita.

Mas, a CNBB com as suas Assembléias Gerais, com as suas reuniões mensais da Comissão de Pastoral, colaborando com as 14 regionais que ela possui hoje, no Brasil, teve uma participação extraordinária, especialmente nas linhas concretas, como as últimas que nós temos. A atuação junto aos excluídos, por exemplo, grande movimento com mesmo tema da Campanha da Fraternidade e, para referirmos à última atuação mais recente - só estou me reportando a algumas - esta promoção da lei contra

a venalidade, direitos dos nossos políticos, ali também a venalidade eleitoral.

D. Hélder participou ativamente, também, da reunião preparatória da primeira conferência do Conselho Episcopal Latino Americano, que se realizou aqui no Rio de Janeiro, na qual foi fundado o CELAM. A primeira reunião do CELAM foi aqui no Rio de Janeiro, onde foi fundado; depois, houve a reunião de Medellín; depois, Puebla; e, depois, Santo Domingo. Mas, a primeira foi aqui no Rio de Janeiro com a aliança de D. Hélder, onde se fundou o CELAM, que tem uma enorme importância.

D. Hélder foi Arcebispo de Olinda e Recife, de 1964 a 1985. Assume a Arquidiocese no mesmo ano do golpe militar. Cria-se um período de fortes tensões ideológicas, inclusive dentro da Igreja do Brasil, entre os que apoiavam a revolução. Teve os que, como D. Hélder, desmascaravam as formas execráveis de repressão. Isto tudo é histórico - se alguém não estiver de acordo pode protestar - mas atesto que isto é histórico. Dentro da Igreja, ele tomou esta posição corajosa.

Quando a Igreja disse que é melhor deixar como está para ver como é que fica, ele não quis, ele entrou. Foi logo silenciado pelo célebre SNI - não sei se lembram da sigla, Serviço Nacional de Informação -, de maneira que, não só ele não tinha acesso aos meios de comunicação, mas ninguém tinha acesso a ele. Ele não podia falar nem escrever, nem podiam falar ou escrever dele. Ele acabou, do ponto de vista da mídia. "D. Hélder acabou." - foi essa a decisão do SNI. Não podia haver qualquer

referência a ele, especialmente após o AI 5, de 1968, que, na realidade, implantou a ditadura no Brasil.

Em 1984, ele completa seus 75 anos e, segundo o discurso de Paulo VI, apresenta a sua renúncia, que foi aceita com uma extraordinária rapidez - uma estranha rapidez - pois se demora mais tempo. Porém, a sua foi rapidamente aceita e, em 1985, é nomeado seu sucessor, um senhor chamado D. Frei José Cardoso Sobrinho, que não é, propriamente, um continuador da obra de D. Hélder, para falar com todo respeito.

Então, a primeira impressão que eu tenho de D. Hélder é essa enorme sensibilidade que tinha com as pastorais, a capacidade extraordinária de reação e essa quantidade enorme de iniciativas, das quais eu fiz apenas uma ligeira referência.

A segunda impressão é inspirada e motivada por esse amor pelos pobres - pelos pobres e excluídos. Por isso, ele foi acusado de subversivo. No entanto, foi um promotor corajoso do movimento da não-violência, a exemplo de Martin Luther King, morto e assassinado em 1968. Dom Hélder defendia a não-violência no momento em que o Brasil era sacudido pela violência da repressão impune, das retaliações insensatas. Durante o regime militar, por todos os meios ao seu alcance D. Hélder foi a voz. Ele não tinha voz. Ele foi, de fato, a voz dos que não tinham voz. Absolutamente indefeso, dentro e fora do Brasil, nunca deixou de denunciar a iniquidade, sem provocações, porque sabia das possibilidades de retaliações contra os que dele dependiam. Foi esse amor que o levou, silenciado na mídia, a publicar a maior

parte dos seus escritos.

Portanto, mesmo silenciado, foi um homem movido por essa enorme paixão que tinha pelos sofredores e pelos excluídos, aos quais dedicou a sua vida de todas as maneiras. Perseguido como foi, se tornou a voz dos que não tinham voz.

A terceira impressão com que ele me marcou foi o admirável testemunho de sua vida, sua profunda vida espiritual. Na sua fragilidade física, era espantoso o vigor com que anunciava o Evangelho. Era um pregador veemente que, rapidamente, inflamava o público com a chama que o consumia. Sei, de fonte certa, que a escassez do sono transformava suas noites em oração. Como Jesus, ele passava a vida noturna com Deus. A absoluta coerência de sua vida pessoal com a sua mensagem evangélica justificou a crônica que termina assim: "Não temos santos canonizados, mas não hesito em dizer, benção Pe. Hélder, meu santo padre Hélder".

A bibliografia religiosa de D. Hélder publicada em livros é rica e reguladora de sua emocionante piedade fiel. Destaco, entre outros trabalhos, Nossa Senhora no meu Caminho, Em Tuas Mãos Senhor, Olhar Atento da Esperança e da Prece e Rosas para Meu Deus.

No ano passado eu fui a Recife, a convite da Universidade Católica de Pernambuco, e aproveitei a oportunidade para visitar D. Hélder. Ele estava sentadinho ali, mirradinho já, com sua batina clara. Quando me viu, ergueu as mãos com um sorriso inesquecível. Eu me ajoelhei e pedi a benção. Pôs as mãos sobre

minha cabeça com imenso carinho. Ele - cujo lema episcopal fora precisamente Nas Mãos de Deus - já se encontra na plenitude instantânea da glória eterna.

Profa. Margarida Souza Neves

Boa-noite a todos. Com quem eu não tive, ainda, ocasião de falar informo que eu estou aqui em função de um duplo equívoco da minha amiga Maria Clara, que coordena este Centro. O primeiro grave equívoco foi dividir a mesa de hoje como Pe. Ávila e qualquer outra pessoa, pois, quando somos essa outra pessoa, fica complicado. O segundo equívoco foi me apresentar como a professora Margarida de Souza Neves, professora de História da PUC do Rio, porque não é, em absoluto, nessa qualidade que eu estou aqui hoje. Seria absolutamente impossível para mim, ainda que eu seja a Margarida, da História, fazer História, profissionalmente. Seria completamente impossível. Estou aqui porque sou neta de Dona Margarida. Minha avó me deu o privilégio de, além de ser sua neta, conviver muito de perto com o Pe. Hélder. Eu vejo, aqui, vários rostos da minha infância, da minha adolescência, da minha vida inteira. E esse contato muito pessoal, muito íntimo e muito familiar com Pe. Hélder deixa-me numa posição complicada. Eu fico constrangida porque é como falar de alguém da família. Pe. Ávila, pela primeira vez na minha vida eu posso dizer que eu sei uma coisa antes do senhor. O senhor disse que conheceu o Pe. Hélder em que ano?

Aí, lá fui eu, sentada no colo dele, de tranças e tal, e disse o que sempre dizemos quando confessamos pela primeira vez: bati na minha irmã, respondi a meu pai, fiz malcriação para Naza - minha babá - e fiz o pecado da carne. E ele não fez o menor gesto, não demonstrou o menor espanto com aquilo. Eu me lembro perfeitamente que ele disse que responder pai e mãe e brigar com irmã - que no momento era só uma - não tinha a menor importância, isso era trivial. Mas, durante um longo tempo, disse-me que fazer malcriação para Naza - que era a babá - era grave, era muito sério. Eu acho que isso era um fragmento, um retalho íntimo dessa segunda característica que o Pe. Ávila destacou, esse amor apaixonado pelos irmãos mais sofridos, e ele me dizia assim: "a Naza não tem a mesma vida que você, a Naza não tem uma casa como vocês, mas ela está aqui por que precisa trabalhar, coisa que vocês não precisam". Eu fiquei muito impressionada com isso.

Aí ele disse assim: "Agora, me explica o que é o pecado da carne." E eu, naturalmente, aos cinco anos, já muito pretensiosa, virei para ele e disse: "Você não sabe?!" E ele disse: "Não." Então, eu disse para ele: "A madre disse que não tem perdão de Deus!" E, ele disse assim: "Ah! não, minha filhinha, de pecado eu entendo mais do que a madre e não existe nenhum pecado que não tenha perdão de Deus." Eu achei aquilo tão esquisito mas como tinham me dito que Deus era onisciente, onipresente e onipotente, achei que Ele resolvera isso e não discuti o fato. Só, que eu resolvi explicar para ele o que era o pecado da carne

e disse que era comer carne na sexta-feira. Ele não riu, manteve-se absolutamente sério, e disse: "Não, não é isso não meu amor, não é isso não minha filhinha, eu vou te explicar o que que é..." A explicação que ele me deu foi muito indicativa da sua capacidade absoluta de sintonia com as mais variadas audiências, de falar uma língua inteligível por qualquer um que se aproximasse dele, que eu entendi perfeitamente. Quero dizer que foi extremamente importante na minha vida essa explicação. Ele disse o seguinte: pecado da carne é usar alguém como se fosse uma coisa, ponto. Maravilhosa explicação, não? Eu, aos cinco anos e meio, entendi isso perfeitamente. Não teve nenhuma necessidade de explicações de outra ordem, e entendi perfeitamente porque é muito grave. Eu acho que essa lembrança, ao mesmo tempo que remete a esse amor apaixonado pelos irmãos mais sofridos, remete para a terceira característica que o Pe. Ávila destacou, a qual chamou de "testemunho de uma vida espiritual admirável"

Pe. Ávila disse: "eu sei que ele passava as noites sem dormir para rezar." Eu o vi passar as noites sem dormir para rezar! Nós reclamávamos muito porque às três horas ele levantava para rezar e aquilo atrapalhava um pouco o ritmo da casa. Eu acho que só um homem com uma profunda vida espiritual nasceria capaz dessa imensa liberdade e dessa maravilhosa explicação do que seja o pecado da carne, longe de todo moralismo de toda a coisificação. Eu nunca vou esquecer essa primeira confissão. Dá para vocês terem um pouco a idéia do privilégio

desse contato?

A minha segunda lembrança para dividir com vocês hoje é a seguinte: eu, já adulta, o encontrei no aeroporto de Guarulhos - aliás o lugar onde eu mais o encontrava era no aeroporto, por razões óbvias. Uma das formas de romper aquele silêncio e aquela anulação que lhe fora imposta era viajar, incessantemente, e falar onde podia falar, fora do Brasil. Ou seja, calaram o Pe. Hélder aqui, ele pegava um avião e ia, convidado pelo mundo inteiro.

Então, encontrei com ele no aeroporto de Guarulhos, ficamos conversando e viemos juntos no avião. Ele perguntou sobre a família inteira. A conversa era sempre muito familiar... Entramos no avião, e eu conversando com ele. Na época, eu estava muito polarizada por uma dessas tensões de dentro da Igreja que nos pegam de uma maneira complicada. Nós achamos que as tensões que atravessam a sociedade não atravessam a Igreja, mas atravessam. Os conflitos da sociedade passam por dentro da Igreja. Eu estava muito mal com aquilo. contei a história para ele. Queria ouvi-lo e contei toda a história. Ele me ouvia e tal, entramos no avião e a aeromoça começou aquela exibição do que fazer com a máscara. Aí, ele disse assim: "Um minutinho, minha filhinha. Agora você pára um minutinho que eu quero prestar atenção." Eu olhei pra ele, pasma, e disse: "O senhor vai prestar atenção?!" E ele disse: "Claro é o trabalho dela! E esse trabalho dela é muito importante, é a segurança de todos nós. Eu faço questão de prestar atenção." Ele prestava uma

atenção tal que a aeromoça sentiu-se extremamente gratificada. Primeiro, porque ninguém nunca prestava atenção naquela coisa e, segundo, porque era ele prestando atenção. Quando a aeromoça acabou a demonstração, ele me disse: "Pode continuar minha filhinha." Então, eu continuei a expor a minha perplexidade - a minha raiva, tenho que reconhecer - com aquela situação, e disse: "E o que o senhor acha?" Aí, olhou para mim e disse: "Eu mesmo não sei, isso acontece, isso acontece..."

Eu achei aquilo duplamente belo: a atenção individual àquela mulher que trabalhava - ao trabalho que ela fazia - e a enorme capacidade desse mais insigne representante do episcopado brasileiro, latino-americano e por aí afora de dizer: Não sei, é assim mesmo, faz parte... Foi só o que ele disse. E, logo em seguida, mudou o rumo da prosa para os assuntos familiares. Mas aquele "não sei, é assim mesmo, faz parte" foi extremamente apaziguador dos meus conflitos naquele momento.

Por fim, eu queria resumir esse lado privado, íntimo, das três características que o Pe. Ávila levantou da vida pública dele. Eu tenho um monte de cartas dele, mas tem uma que é muito especial, escrita com a letrinha dele. Essa carta foi escrita quando a minha avó - Dona Margarida, em função de quem eu estou aqui hoje -, que era sua amiga queridíssima, morreu, no ano de 1974. Eu estava fora do Brasil quando a vovó estava morrendo. Não precisa dizer o que era o ano de 1974 no Brasil: um período de tensões imensas e de polarização muito grande, no qual

algumas pessoas da minha família ficaram de lados diferentes. Em 1974, Pe. Hélder veio ao Rio. Vovó estava no hospital, já muito mal, e ele foi visitá-la. A pessoa da minha família que estava ali, no momento, não o deixou entrar. Eu enlouqueci na Europa, onde estava. Achei aquilo uma coisa absolutamente perversa e cruel, e escrevi para ele dizendo que eu achava aquilo a expressão da perversidade. Ele escreveu de volta a seguinte carta:

"Recife 27/02/1974

Querida Guida.

D.Margarida teve e terá sempre um lugar imenso em meu coração. O mesmo digo de todas as filhas e de todos os genros dela, de todas as netas e bisnetos até 4ª ou 5ª geração.

É impossível julgar.

Sofri não podendo mais, na terra, trocar uma palavra com a querida amiga. Quem me garante que não foi pensando em proteger a saúde dela? De qualquer modo, temos a eternidade toda para conversar.

Acompanho e acompanharei os seus passos na Europa, onde quer que você esteja.

Na Santa Missa ela tem, e terá sempre, presente seu irmão em Cristo.

Hélder."

Eu acho que é uma linda carta por muitas razões. A primeira, é que a mais insigne figura do episcopado brasileiro, esse testemunho admirável de vida espiritual e que foi a voz dos que não tinham voz nesse país, em anos tão cruciais, admite o sentimento de sofrimento: "sofri não podendo mais na terra trocar uma palavra com a querida amiga". Admite o carinho, o amor, a relação, admite que sofreu. Segundo, eu acho que essa carta é muito bonita na relação com o tempo. Ele diz: "Dona. Margarida teve, tem e terá; você, eu; acompanho e acompanharei os seus passos". Mostra essa capacidade de estar no tempo e de assumir todos os tempos - passado, presente e futuro - com essa perspectiva de quem tem a eternidade inteira para conversar.

Ele já está lá, eu tenho a certeza que - como a mais insigne figura do episcopado brasileiro, cujo amor apaixonado pelos irmãos mais sofridos é como testemunho de vida espiritual - ele está presente na nossa vida, está presente aqui hoje por ser plenamente humano, por ser densamente humano, e acho que é no presente - plenamente humano e densamente humano - por ser todo de Deus, que nós aprendemos dele.

Maria Clara Bingemer:

Acho que todo mundo sente que foi uma noite cheia da presença de D. Hélder. Uma noite habitada por esse que não está mais vivo na história, mas está vivo em Deus. Portanto, continua vivo na história. As palavras do Pe. Ávila, da Guida e as palavras

dele, ditas de maneira tão bela pelas nossas contadoras de história, nos trouxeram momentos de meditação e de sentimento que, certamente, são inesquecíveis.

A figura profética de D. Hélder não nos abandonou, continua conosco. Ele, certamente, onde está, está fazendo muito pela Igreja do Brasil. Muito obrigada a todos vocês.